

Um casamento.
Duas mentiras.
Qual delas os separará?



ambos
temos
segredos

emma robinson

Autora bestseller do *USA TODAY*



*Para a Nina
Das aulas de dança aos lançamentos de livros
Obrigada pelo teu apoio inabalável*

Prólogo

Antes de começar, tens de saber o quanto te amo. Poderás duvidar disso quando descobrires o que escondi de ti, mas é verdade. Eu não podia ter exigido mais de ti. Foste uma mulher maravilhosa para mim e ainda melhor mãe para as nossas filhas.

Também quero que saibas que lamento. Profundamente. O que vou dizer vai destruir as nossas vidas, mas não há outra saída. Fiz um grande esforço para o esconder de ti, pois não te queria magoar, mas não posso continuar a esconder. Não fui feito para ter uma vida dupla.

Mereces saber a verdade, mas não sei se poderemos voltar ao que era, Ellen, e tenho medo de que nunca me perdoes...

Arrancada apressadamente do seu caderno, a carta de Robert estava húmida e amarrrotada na mão de Ellen, as palavras gravadas a fogo no seu cérebro. Sozinha na praia, via apenas grupos de famílias espalhadas na areia. Pais e filhos de férias, a passar alegremente tempo juntos. Pareceu-lhe que ainda há pouco tempo eram eles. Robert, Ellen, Grace e Abigail. Como chegara ela a esta situação? À procura do marido para lhe implorar que lhe revelasse a verdade.

E as filhas. Sentiu uma pontada na barriga ao pensar que teria de lhes dizer que o casamento dos pais acabara. Tudo o que sempre desejara para elas fora uma vida estável, uns pais sempre presentes para as meninas. Até sacrificara a própria carreira porque esta a afastaria de casa.

Porém, à medida que os olhos começavam a encher-se de lágrimas, teve de reconhecer que o *timing* não era coincidência.

A ida de Abigail para a universidade fora o princípio do fim da família. Ellen acalentara a esperança de que tal pudesse ser o início de uma nova aventura para ela e Robert.

Era evidente que ele acalentara uma esperança diametralmente oposta.

Um

Dois dias antes

Se calhar estas férias tinham sido uma péssima ideia — tal como Robert bem avisara.

O voo de três horas até Málaga estava perto do fim e, até agora, praticamente não tinham trocado uma palavra, a não ser para decidirem que sanduíche sensaborona escolher do cardápio a bordo. Robert estava embrenhado num *thriller* e Ellen folheava a revista que comprara no aeroporto, lembrando-se do motivo pelo qual não tinha o hábito de comprar estas coisas. A cada página, gente jovem e bonita mostrando-lhe que ela já deixara de ser qualquer uma dessas coisas.

Enfadada por a fazerem sentir-se desadequada, enfiou a revista por detrás da brochura da companhia aérea e do panfleto de segurança que estavam na bolsa do assento e pegou numa embalagem de *Mint Imperials*, oferecendo um a Robert.

— Vai ser estranho voltar a ver a Lucy, não vai?

Robert marcou a página do livro com o polegar para receber a pastilha de hortelã.

— Ainda não percebi porque é que vamos. Há mais de vinte anos que não temos contacto com a Lucy. Não achas que vai ser estranho ficarmos em casa dela?

Entre a necessidade de ele responder a telefonemas de trabalho de última hora e de ela dar uma corrida às lojas para comprar um fato de banho que lhe servisse e toalhas de praia de que não se envergonhasse, tinham apenas trocado breves impressões sobre a viagem desde que ela reservara os voos no dia anterior.

— Percebo onde queres chegar, mas pareceu-me ser o destino. A filha dela estar na mesma residência universitária que a Abigail.

Na semana anterior, levara Abigail, a filha mais nova, até à residência universitária, e todo o processo fora deveras surreal. Nem ela nem Robert tinham regressado a Canterbury desde que tinham concluído o curso em 1998. A universidade mudara imenso desde então — o quarto de Abigail parecia-se mais com um quarto de hotel de três estrelas do que um alojamento universitário, com uma renda alta a condizer —, mas sentira a nostalgia agriadoce de regressar ao *campus* onde conhecera e se apaixonara por Robert.

Robert franziu o cenho.

— Bem, tal como nós, a Lucy também estudou lá. Talvez tenha feito campanha para influenciar a filha, como tu fizeste com a Abigail.

O tom rude foi amenizado por uma sobrancelha soerguida, que a fez rir.

— A Emily é igualzinha à Lucy. Só tínhamos chegado há quinze minutos quando enfiou a cabeça pela porta e se apresentou. Fez uma série de perguntas à Abbie, que foi o que me levou a dizer-lhe que estudámos lá, e foi assim que fiquei a saber que era filha da Lucy. Nem queria acreditar quando me disse o nome de solteira da mãe e percebemos quem era.

Tinha a certeza de que já lhe contara isto. Será que ele prestava atenção ao que ela dizia? Robert voltou a abrir o livro e procurou o ponto onde ficara.

— E depois de perceberem quem era, ela falou de ti à Lucy e agora vamos num avião para ficar em casa dela em Málaga.

— Tínhamos combinado passar uns dias fora quando a Abigail começasse as aulas. O convite da Lucy chegou no momento certo.

Coibiu-se de acrescentar que dera imensas indiretas a Robert para que fosse ele a reservar o destino desta vez. Ela passara a semana anterior a fazer malas, a conferir listas e, à última hora, a comprar utensílios de cozinha no IKEA para Abigail... mas ele nada fizera. Também não fora ele a ter de a levar à universidade

e depois vir embora com o estômago às voltas perante o significado de a deixar. Porém, ele ausentara-se por motivos profissionais, algo que, nos últimos tempos, acontecia com mais frequência. Para quem dizia que não gostava do emprego de delegado de informação médica, passava imenso tempo naquilo.

Desta vez, Robert dobrou o canto da página e pousou o livro fechado no tabuleiro nas costas do assento da frente.

— Não deixa de ser um pouco estranho, não achas? Olá, não falamos há mais de vinte anos, mas queres vir amanhã a Espanha e ficar em minha casa?

Contente por conseguir despertar-lhe a atenção, Ellen mudou de posição no seu lugar de forma a poderem ter uma conversa a sério.

— Não foi bem assim. Eu disse-lhe que tínhamos tirado a semana de férias, mas ainda não tínhamos nada planeado. De qualquer forma, não se pode dizer que seja uma desconhecida. Fomos muito amigos, não fomos? E é evidente que ela quis um reencontro, senão porque é que diria à Emily para pedir o meu número à Abbie?

Robert franziu o cenho com o olhar pousado no *thriller*, em cuja capa se via um homem de camisa com as mangas arregaçadas a afastar-se na direção de um pôr do sol cor de laranja garrido.

— No mínimo, podias ter falado comigo antes de reservares os voos.

Ellen virou-se e fixou o olhar no assento à sua frente.

— Pensei que seria uma boa surpresa.

Uma voz estridente deu a ordem pelo intercomunicador.

— Tripulação de cabina, preparar para aterrar.

A área de recolha de bagagem era muito movimentada e desconfortável. Pequenos aglomerados de pessoas caminhavam de um lado para o outro a passo lento, à espera de que o tapete rolante

começasse a funcionar, ansiosas por pegar nas malas e começar as férias. Casais jovens de mãos dadas a partilhar auscultadores, famílias a tentar impedir crianças excitadas de se afastarem muito, e depois casais como eles, cujos filhos tinham deixado o ninho.

Apesar de já esperar sentir-se um pouco perdida sem Abigail em casa, Ellen não estava preparada para a amplitude sísmica associada à saída de casa da última filha. Canterbury ficava a menos de duas horas da casa deles, em Sussex, mas era como se fosse do outro lado do mundo. Depois de a deixar na residência, Ellen regressara a casa e ficara à porta do quarto de Abbie, cheio de roupa espalhada que a filha decidira não levar. Já sentia a falta dela como se de uma parte de si.

De braços cruzados, os pés bem afastados, Robert estava a postos para se atirar à bagagem assim que aparecesse. Com o casaco de linho engelhado e as calças de ganga azul-escuras, parecia uma personagem do seu livro. Um diplomata, talvez. Ellen inclinou-se para ele e deu-lhe uma cotovelada.

— A Lucy tem piscina. Adoras nadar.

Com um suspiro, ele deixou descair os braços e baixou a cabeça, ou irritado ou como quem pede desculpa.

— Não precisas de continuar a convencer-me, Ellen. Sei que tenho andado um pouco rabugento, desculpa. Isto parece-me estranho. Se tu e a Lucy eram assim tão boas amigas, porque é que passaram tanto tempo sem se falarem? Mas eu disse que vinha e estou aqui.

Estava ali fisicamente, mas havia um grande distanciamento entre eles nos últimos tempos. Só falavam sobre as filhas ou trabalho ou sobre que contentor era preciso pôr ao fundo da rampa de acesso naquela semana. Um dos motivos pelos quais escolhera aquela revista no aeroporto fora o título na capa: «Reacenda o Romance». Era o que tinham de fazer. Com certeza que alguns dias juntos numa casa bonita ao sol era o local indicado para isso, ou não?

Por fim, o tapete rolante começou a ranger, e Robert aproximou-se para procurar as suas malas. De facto, não estava errado ao perguntar porque é que ela e Lucy tinham perdido o contacto durante tanto tempo. Apesar de pensar nisso ao tentar adormecer na noite anterior, não tinha resposta. Depois de concluírem os estudos, tinham prometido manter o contacto, mas as suas vidas tinham seguido rumos diferentes. Agora que estavam aqui, sentia-se um pouco nervosa por voltar a encontrar-se com Lucy. Vinte e sete anos era muito tempo. E se não tivessem nada em comum?

— Aqui está a primeira. — Robert puxou a pega telescópica da mala de Ellen, empurrou-a até ela e virou-se para procurar a outra.

Uma série de avisos sonoros no seu telemóvel era sinal de que, por fim, conseguira ligação a uma rede espanhola. Tinha uma mensagem de Lucy a dizer que já estava no terminal de chegadas e à procura deles. Na noite anterior, Ellen procurara num monte de caixas antigas na garagem e desenterrara algumas fotografias dos três anos na universidade, pois achara que seria divertido trazê-las. Naqueles tempos, Lucy era de uma beleza deslumbrante, chamando tantas atenções que era como se as raparigas do seu grupo fossem invisíveis. Também a pesquisara na Internet para descobrir o seu aspeto atual, mas não a encontrara no Instagram nem no Facebook e tivera vergonha de lhe pedir uma fotografia por mensagem. Iria conseguir reconhecê-la?

A segunda mala chegou a balançar ao tapete rolante, cujas engrenagens a ranger faziam Ellen estremecer. Ainda estava preocupada com as roupas que trouxera. Segundo a BBC Weather, estaria um tempo glorioso em Málaga, mas para isso teria de usar calções, t-shirts e, o que mais a assustava, fatos de banho. Ontem, a filha mais velha, Grace, oferecera-se para lhe emprestar um biquíni e ela quase se engasgara com a sanduíche de queijo e pickles só com a ideia.

Robert levou a segunda mala até ela.

— Vamos?

A toda a sua volta, os veraneantes conversavam, entusiasmados. Em contraste, Robert estava em modo «pragmático», a caminhar para a saída com largas passadas. Quanto mais se aproximava o reencontro com Lucy, mais nervosa Ellen se sentia. Fora um disparate reservar os voos no dia anterior depois de uma conversa ao telefone? E se, passado todo este tempo, não tivessem nada em comum? As recordações dos tempos na universidade durariam uma noite, mas iriam ficar lá trés. Por muito boa que fosse a casa, a piscina e o clima, se não tivessem nada para dizer, seriam provavelmente umas férias embarracosas. E se Robert tivesse razão e tivesse sido uma péssima ideia? Pegou-lhe na mão.

— Vais fazer um esforço para te divertires, não vais?

Ele enrugou a testa e, por um breve momento, pareceu ir dizer algo sério, mas depois o semblante desanuviou-se e sorriu.

— Vou fazer os possíveis.

Quando passaram para o átrio iluminado pela luz solar, perscrutou a barreira. Tentando não obstruir a passagem das pessoas que vinham atrás, caminhou mais devagar e tentou ver para lá dos amigos e familiares que se abraçavam, reencontros no meio de melodiosas palavras espanholas, à procura de uma cara conhecida.

E ali estava. Lucy. Bronzeada, elegante, num fato justo creme e blusa de seda preta bastante decotada. Ellen nunca imaginara que estivesse assim tão fascinante. Porque não seguirá o conselho de Grace e vestira algo elegante para o voo?

Lucy acenou e a fina pulseira de diamantes no seu pulso refletiu a luz que penetrava pelos enormes vidros das janelas.

— Robert! Ellen! Aqui!

Vários motoristas de táxi ao longo da balaustrada a seguir cartazes com os nomes dos clientes lançaram-lhe olhares apreciativos. Era evidente que continuava a fazer virar cabeças.

Robert estugou o passo e chegou à barreira antes de Ellen. Lucy abraçou-o e disse-lhe algo ao ouvido que se perdeu no meio do vozejar generalizado. De seguida, virou-se para Ellen com um sorriso perfeito e envolveu-a num abraço de fragrância cara.

— Estou muito feliz por virem os dois.

Por cima do ombro de Lucy, a expressão de Robert era bastante inescrutável. Talvez fosse só dos nervos associados a este impulsivo reencontro, mas havia algo no olhar dele que deixou Ellen estranhamente desconfortável.

Dois

Tal como Ellen previra, a casa de Lucy era absolutamente incrível. Pertíssimo do centro de Málaga, numa rua que começava a subir para a colina, Lucy virou o *Renault* azul-claro e passou por uns portões pretos de ferro forjado que davam acesso a um pátio quadrangular defronte da casa mais bonita que Ellen alguma vez vira. Dois pisos de paredes de estuque brancas, telhado de telhas e, por detrás de um bonito fontanário a jorrar água, uma enorme passagem em arco que dava acesso a uma pesada porta de madeira.

— Uau. — Viu a sua inveja refletida nos olhos de Robert.
— Que casa fantástica.

Puxando o travão de mão com força por causa da ligeira inclinação, Lucy levantou os óculos de sol para o topo da cabeça e olhou para a casa através do para-brisa.

— Uma das vantagens de ser casada com um promotor imobiliário. Só tinha as paredes quando a descobrimos. Venham ver o interior.

Denso e fragrante, o ar da tarde estava demasiado quente para as calças de ganga que Ellen vestira para o voo e tinha a t-shirt colada às costas. Embora tivesse desapertado os botões de cima da camisa, Robert parecia tão fresco como Lucy. Sempre se dera bem com o calor.

Lá dentro, a frescura do chão de mármore e o ar condicionado foram um alívio bem-vindo, mas Ellen estava ansiosa por despir as roupas húmidas e tomar um duche. Lucy abriu duas portas de madeira escura para uma cozinha com tampos de granito. Em cima do balcão, havia uma garrafa verde-esmeralda num balde de gelo, com três copos de cristal ao lado.

— É *Cava*. Da coleção especial do Joe. Afinal de contas, temos de brindar à vossa visita, como mandam as regras. Vou servir-nos um copo e depois acompanho-vos ao vosso quarto.

Mais à frente no corredor fresco, duas portas brancas abriam-se para um enorme quarto airoso. Ao centro, a cama de casal com lençóis brancos engomados parecia fresca e convidativa. Numa parede, um toucador de cerejeira com um enorme espelho. Lucy atravessou o quarto e abriu as portas envidraçadas que davam para uma varanda com vistas para uma enorme piscina azul-celeste. Virou-se e sorriu.

— Serve?

Ellen não se lembrava da última vez que tinham ficado num sítio tão agradável.

— É maravilhoso. Sou capaz de ficar aqui para sempre.

Lucy já tinha quase atravessado o quarto e chegado à porta quando parou ao lado de Robert e lhe tocou ao de leve no braço.

— E que tal se vestissem os fatos de banho e viessem ter comigo à piscina quando estiverem prontos? Demorem o tempo que for preciso.

Não havia dúvida de que Robert estava mais animado desde o voo e não era só dos efeitos do sol.

— Não precisas de dizer duas vezes.

Com um sorriso educado, Ellen assentiu com a cabeça, mas estava bastante menos entusiasmada com a ideia. Já imaginava Lucy a fazer muito melhor figura do que ela no seu novo fato de banho «adelgaçante».

Assim que a porta se fechou, Robert começou a desabotoar a camisa, deixando ver a barriga tonificada e o peito musculoso, fruto das recentes idas ao ginásio.

— Aquela piscina parece fantástica, mesmo aquilo de que estava a precisar.

Há cinco minutos, ela também precisava de se refrescar, mas, aovê-lo despir-se, pensou se poderiam demorar o tempo que

fosse preciso, como Lucy sugerira. Terem algum tempo para eles antes de irem ter com a amiga. Talvez até tomarem um banho juntos. Sentindo a descarga de antecipação, despiu o top pela cabeça e largou-o em cima da cama.

Porém, quando se virou, Robert já vestira os calções de banho e estava à porta.

— Vais lá ter?

Ellen engoliu a desilusão e virou-lhe costas para esconder o embarço por a ideia dela ser tão diferente da dele. O marido nem sequer ia esperar por ela.

— Vou já. Não queres pôr protetor solar?

Robert abanou a cabeça.

— Vou já para a água. Leva-o, que ponho um pouco quando sair.

Resistiu à ânsia de lhe dizer que tinha de pôr protetor antes de ir para a água. Afinal de contas, não era mãe dele.

Por falar em ser mãe, enviou uma mensagem breve às duas filhas a informar que ela e Robert tinham chegado bem. De seguida, tirou duas fotografias ao quarto e enviou-as. Logo de seguida, recebeu um coração de Abigail e depois o telefone tocou com uma chamada de Grace pelo FaceTime.

— Olá, mãe. Isso parece bestial. É o teu quarto?

— É. E temos uma varanda com vista para a piscina. O teu pai já foi para lá.

Foi até à janela e afastou a diáfana cortina e viu Robert lá em baixo, com a água pelo peito, os braços apoiados na beira de mármore. Ao seu lado, as pernas a balançar dentro de água, com um copo de *Cava* na mão, estava Lucy, invejavelmente esbelta e tonificada. Era evidente que não precisava de um fato de banho com painéis para comprimir as banhas. Com um enorme chapéu de abas a fazer-lhe sombra para a cara, parecia saída das páginas da revista de Ellen, que agradeceu às estrelas também ter comprado o vestido de praia a condizer com o fato de banho novo,

esperando que o tecido assentasse sobre as suas curvas ao invés de as acentuar.

No ecrã do telemóvel, Grace fitou-a de sobrolho carregado.

— Porque é que não estás na piscina com o pai?

Embora tivesse saudades dos tempos em que Grace era uma criança desdentada, havia muitas vantagens em ter uma filha na casa dos 20, quanto mais não fosse para ter alguém sempre disposto a dar conselhos de moda honestos.

— Estou a tentar ganhar confiança para deixar que me vejam com o fato de banho novo. Era o único do meu tamanho e tenho medo que me fique um pouco justo de mais.

Grace revirou os olhos.

— Deixa lá ver.

Premiu o botão para mudar a perspetiva da câmara e, seguindo o telemóvel no ar, pôs-se em frente ao espelho. Mirando-se com um olhar crítico, viu a carne a avolumar-se debaixo do elástico no cimo das pernas. Porém, preocupou-a mais a quantidade de pele exposta.

— O que te parece? Demasiado peito? Diz a verdade.

— Não digo sempre? Estás muito bem, mãe. As tuas mamas estão impecáveis.

Era evidente que isso queria dizer que estavam demasiado à mostra. Subiu a parte de cima do fato de banho.

— Havia de ver a Lucy. Parece dez anos mais nova do que eu. Provavelmente pensa que sou uma desmazelada.

No ecrã, Grace revirou de novo os olhos.

— Tens de deixar de te preocupar com o que as outras pessoas pensam, mãe. A sério que estás fantástica.

Ellen suspirou e sentou-se aos pés da cama.

— Bem, seja como for, tenho de ir lá para fora. Disse ao pai que só demorava dois minutos.

Olhou de novo pela janela. Não conseguiu ver a cara de Robert, mas ouviu o bater dos braços e das pernas e o salpicar

da água e Lucy a rir. Robert era mesmo assim. Nunca queria ir a sítio nenhum nem estar com ninguém, mas quando ia, era a alma da festa.

Grace estava claramente farta da conversa do fato de banho.

— Adiante. Falemos de mim. Não te ia ligar e dizer isto quando estás de férias, mas depois enviaste-me a mensagem e achei que não havia problema.

Os pelos da nuca de Ellen eriçaram-se com uma espécie de sexto sentido maternal. O que iria ela dizer? *Por favor, que seja algo positivo.*

— Podes ligar sempre que quiseres. O que se passa?

— Bem, o Max tem de ir de urgência ao Dubai em trabalho. Era para ir uma pessoa do nosso escritório, mas apanhou uma virose. Por isso, pediram ao Max para ir. Esta sexta.

A julgar pelo entusiasmo da voz de Grace, Ellen adivinhou o que vinha a seguir.

— E?

— E ele convidou-me para ir com ele.

Claro que convidou.

— Que bom, querida, mas como vais conseguir dias de férias tão em cima da hora?

Grace enrugou o nariz.

— Ora bem, sei que não vais aprovar, mas eu acho que é genial. Posso meter baixa na sexta de manhã alegando a mesma virose do Jack, o fulano que deveria fazer a viagem. É perfeitamente concebível.

Ellen não tinha a certeza.

— Mas e se descobrem a verdade, Grace? Podes perder o emprego.

Ainda à janela, Ellen viu Lucy mergulhar com elegância, praticamente sem salpicar água. Ainda com o chapéu de abas, encobriu a visão de Ellen, que deixou de ver Robert.

Ouviu-se um forte suspiro do outro lado da linha.

— Já sabia que ias achar má ideia, mas planeámos tudo. Não vamos publicar nada nas redes sociais sobre a minha ida. De qualquer forma, o Max não gosta que publique seja o que for nas redes sociais. Por isso, vai ser tudo sem dar nas vistas. Nem sequer vamos no mesmo voo porque ele vai logo de manhã em Business Class. Eu vou mais tarde, depois de ligar para o emprego a dizer que estou doente. De qualquer forma, ninguém no trabalho sabe que estamos juntos, por isso vai correr tudo bem. Ninguém vai suspeitar de nada.

Será que a filha não conseguia ver os sinais de alerta que Max praticamente acenava à frente do nariz dela?

— Ainda não contaram a ninguém do emprego sobre vocês os dois? Nem sequer às meninas com quem vives?

Outro suspiro.

— Já falámos sobre isso, mãe. Seria muito constrangedor se as pessoas do emprego soubessem que estamos juntos. Ele só se separou há um ano. As pessoas iam pensar mal de nós.

Quanto mais ouvia falar de Max, mais suspeitava que ele não estava separado coisa nenhuma, mas sabia que não deveria repetir esta teoria à filha mais velha, que reservava a complacência e a indulgência para o namorado. Ellen estava errada dissesse o que dissesse ou fizesse o que fizesse.

— Acho só que pões o emprego em risco ao fazeres isso.

Grace fez beicinho.

— Bem, pensei que ias ficar entusiasmada por mim. Não me disseste sempre que deveria viajar e ver o mundo?

Ela dissera isso, mas queria que a filha traçasse o seu próprio caminho, não que fosse de arrasto com outra pessoa. Em especial uma pessoa que, quer estivesse ou não deveras separado da mulher, tecnicamente ainda era casado. Estava fora de questão dizer tudo isso a Grace.

— Pensa bem antes de tomar essa decisão.

— Está bem. E depois mando-te uma fotografia minha no Dubai.

*

O pavimento à volta da piscina estava quente, sentia-o mesmo através das sandálias, e agora que Ellen usava apenas o diáfano vestido de praia e o fato de banho, o calor do final de tarde era muito mais agradável. Fazendo um esforço para parecer mais confiante do que se sentia, caminhou para as espreguiçadeiras do outro lado da piscina.

Robert franzia o cenho para algo que Lucy dizia. Ao aproximar-se, levantou a cabeça e acenou-lhe.

— Estava a pensar onde te terias metido.

— A Grace ligou. Depois conto-te.

Lucy virou-se na piscina e o seu movimento na água provocou uma ondulação para o exterior.

— Estava a dizer ao Robert que está com bom aspetto. Muito em forma para um homem da idade dele.

Considerando há quanto tempo não estavam juntos, Ellen achou o comentário bastante arrojado, mas Lucy não estava errada, Robert tinha mesmo bom aspetto. Ainda tinha uma farta cabeleira escura sarapintada de cabelos grisalhos e, embora fosse magro, o seu corpo mantinha a mesma definição de há mais de vinte anos.

— Sim, sou uma mulher de sorte, não sou?

Por causa do chapéu e dos óculos de sol, foi difícil perceber a expressão de Lucy, mas a sua voz deixou transparecer algum nervosismo.

— És *mesmo*.

Quando andavam na universidade, Lucy sempre fora a namoradeira. Não tinha problemas em abeirar-se de um grupo de rapazes num bar e meter conversa. Com a aparência dela, não precisava de se preocupar muito com a rejeição. Era a sua forma de ser, falar desta forma com as pessoas. Ellen não tinha de se preocupar com isso.

Neste momento, preocupava-a mais o que se passaria na cabeça do marido. Afinal de contas, Robert era homem, e era impossível olhar para ela e para Lucy e não perceber que Ellen lhe ficava atrás, motivo pelo qual não tencionava despir o vestido e meter-se na água. Em vez disso, deslizou pela espreguiçadeira e pousou os pés no apoio, tentando pôr-se numa posição capaz de a favorecer.

Robert chamou-a.

— Não vens para a água? Está uma maravilha.

Ellen brindou o marido com um sorriso e abanou a cabeça.

— Não, estou bem aqui. Aproveita.

Ellen esperava que ele desatasse a nadar de uma ponta à outra da piscina, pois geralmente não conseguia ficar parado um segundo, mas espantou-se quando ele ficou no mesmo sítio, a bater as pernas só de vez em quando. Entretanto, Lucy nadava de um lado para o outro à frente dele, falando tão baixinho que Ellen não a conseguia ouvir.

Por um breve instante, o sol desapareceu por detrás de uma nuvem e uma sombra deslizou pelo terraço. Ellen estremeceu. Quando fora a última vez que Robert olhara para ela da forma como estava a olhar para Lucy? E o que estava Lucy a tramar? Fora Ellen quem tratara de tudo para virem para aqui, mas Lucy parecia só ter olhos para Robert. Seria ele quem ela queria mesmo ver? Estaria Ellen a ser paranoica ou a amiga estava a falar baixo de propósito para Ellen não participar na conversa deles?

Três

— Nem acredito que estamos todos juntos.

Depois de tirarem o máximo partido do sol da tarde de outubro, Ellen e Robert tinham desfeito as malas e tomado banho enquanto Lucy preparara o jantar. Estando apenas os três à mesa, a distribuição era desequilibrada. Robert e Ellen de um lado e Lucy do outro. Lucy esticou-se por cima da mesa com o copo de vinho para brindar com eles.

Robert sorveu o *Rioja* púrpura-escuro.

— Bem, o vinho é muito melhor do que a zurrapa que bebíamos naqueles tempos.

Lucy esticou-se para brindar com ele de novo.

— É bem verdade. E não há dúvida de que vestimos melhor. Tu tinhast outra roupa além daquela camisa axadrezada e da camisola cinzenta?

Ellen seguiu o olhar apreciador de Lucy até ao marido, que vestira umas calças de linho e uma camisa branca decotada.

Tinham bastado aquelas duas horas na piscina para já ficar com uma corzinha. Ela tinha a pele retesada e seca.

Lucy recostou-se na cadeira com um brilho nos olhos.

— Parece que foi há uma eternidade que estivemos todos juntos. E passou mesmo muito tempo. A tua filha é uma mulher. Ela não nasceu cerca de três meses depois de terminarmos o curso?

Isto era uma indireta?

— Cinco meses. Quase seis.

Ainda hoje, Ellen lembrava-se do medo glacial que sentira ao ver aquela fina linha azul no teste de gravidez. Nunca tivera

períodos especialmente regulares, pelo que apenas quando começara a sentir enjoos é que considerara a possibilidade. Mesmo então, não acreditara que fosse uma gravidez a origem das suas idas matinais à casa de banho partilhada.

— Foi uma excelente forma de tirar do mercado o gajo mais bem-parecido do nosso ano antes do baile de finalistas. Bem jogado.

Lucy ergueu o copo e riu da própria piada e Robert imitou-a. Ellen fez um esforço para mostrar que aceitara bem a piada, mas foi difícil não sentir a alfinetada. Robert fora absolutamente incrível naquela época. Depois do choque da notícia, abraçara-a e dissera-lhe que ficariam sempre juntos, acontecesse o que acontecesse. «Isto apenas aconteceu um pouco mais cedo do que o planeado.» Durante os últimos vinte e sete anos, ela esperara que ele falasse a sério quando dissera que teriam casado quer tivesse havido um bebé quer não.

— Meu Deus, éramos tão novos. — Lucy brincou com o copo na mão, rodopiando o *Rioja* até o vinho escorrer pela borda do copo e deixar uma nódoa vermelha. — Lembram-se das festas que costumávamos fazer depois de o bar fechar no *campus*? Tu preparavas aqueles *cocktails* ridículos.

Este último comentário era dirigido a Robert. Ellen ficou atónita. Que *cocktails*?

Mas Robert estava a sorrir.

— Meu Deus, sim. Comprávamos tudo o que havia de barato no supermercado e fazíamos aquelas mixórdias. Até admira não nos darem a volta ao estômago. Às vezes tinham grumos porque as natas tinham coalhado.

Lucy riu.

— Foram noites de loucura. Vocês têm recuperado esses dias, agora que as vossas filhas saíram de casa?

Não. Não tinham. Ainda não se tinham materializado quaisquer esperanças que Ellen tivesse de compensar as oportunidades

perdidas dos vintes depois de as filhas crescerem. Hoje em dia, Robert parecia mais interessado no trabalho do que nela.

— Ainda não, mas a Abigail também só agora saiu de casa.

Bebeu um grande trago de *Rioja* e sentiu o vinho encorpado e adocicado no fundo da língua. Lucy soergueu uma sobrancelha bem depilada.

— A sério? Pensei que vocês estivessem a viver outra vez o sonho dos jovens namorados.

Isto começava a ser demais. Lucy parecia gostar de remontar à intimidade dos tempos de estudantes, mas Ellen não estava preparada para se abrir sobre o seu casamento, as suas preocupações, a sua vida. Em especial à frente de Robert.

— Bem, talvez esta casa adorável nos sirva de inspiração. Já a tens há muito tempo?

Lucy recostou-se na cadeira e olhou à sua volta. Era uma sala lindíssima, com o pavimento de mármore branco, o tampo da mesa em vidro e cadeiras de cabedal preto, tudo iluminado pela luz que entrava pelas janelas do chão ao teto, partilhando os resquícios do sol de final de tarde.

— Estamos aqui há dois anos. Não tarda, o Joe farta-se e muda-nos para outro sítio. É sempre melhor nunca me afeiçoar aos sítios.

Apesar da aparente melancolia, Ellen percebeu o prazer nos olhos dela perante a ideia de mudar de pouso. Talvez fosse esta a forma de não se aborrecer com a vida; não ficar muito tempo no mesmo sítio.

Robert pigarreou.

— Ele deve ter muito sucesso no que faz. O Joe. Para poder pagar uma casa destas como segunda habitação. Além da casa em Hertfordshire.

Como é que o Robert sabia onde era a outra casa deles? Ellen não se lembrava de Lucy o referir. Devia ter sido quando estiveram os dois sozinhos na piscina.

Lucy encolheu os ombros.

— Sim, ele tem bastante sucesso, mas também trabalha imenso. Passa muito tempo fora. Às vezes, tem de ir em cima da hora. Deves saber como é, com todas as feiras onde tens de ir.

Como foi que trocaram tantas informações numa conversa de apenas quinze minutos na piscina?

— Vais muitas vezes a Hertfordshire?

— Geralmente, passo lá a maior parte do tempo, mas agora que a Emily foi para a universidade, não preciso de estar lá, pelo que provavelmente vou passar a maior parte do tempo aqui. Isso deve entravar as atividades do Joe.

Embora fosse evidentemente uma piada, o riso dela transpareceu o seu quê de irritação. Ellen presumira que o marido dela já aqui estaria.

— O Joe demora?

— Vai passar a noite fora, por motivos profissionais. Tencionava estar cá quando vocês chegassem, mas depois teve de ir resolver uns problemas com os trabalhadores que contratou para a construção de um novo complexo na costa, a algumas horas daqui. Esperamos que já esteja cá de manhã. Como vai o teu trabalho no laboratório? Ainda nem acredito que és uma cientista a sério.

Ellen não sabia bem se lhe chamaria isso.

— Para ser franca, é um trabalho que implica muitos testes repetitivos, mas os horários encaixaram bem com os das meninas.

— Deves ser a única de nós que está a usar o diploma. Suponho que não precisas de muitos conhecimentos de química na informação médica, Robert?

Ellen quase estremeceu. Embora a remuneração fosse boa, Robert não gostava do que fazia, andar pelo país a vender produtos farmacêuticos em unidades do sistema nacional de saúde.

Um sinal sonoro no telemóvel de Ellen interrompeu-lhe o raciocínio. Era Abigail.

Espero que estejas a divertir-te, mãe. Hoje à noite vou sair com a Emily Meads. Ela descobriu um bar na cidade e vamos com um grupo. Adoro-te! xxx

Acenou com o telemóvel para Lucy.

— Parece que as nossas filhas vão sair juntas esta noite.

O riso de Lucy soou cavo e rouquinho.

— Desde já as minhas desculpas.

As suas palavras deixaram Ellen com a pulga atrás da orelha.

— Porquê?

— Estou a brincar, mas a Emily é um pouco destravada. Espero que a Abigail saiba dizer não.

Não conseguiria deixar Ellen mais preocupada mesmo que tentasse. Se Emily era destravada, Abigail era sossegada. Uma das maiores preocupações de Ellen em relação à ida da filha para a universidade era a sua capacidade de fazer amizades, pois era muito sossegada e introvertida. Além disso, todas as amigas com filhas na universidade só lhe contavam histórias horrorosas acerca de bebidas drogadas e de jovens vulneráveis. Não suportaria se algo acontecesse a Abigail.

— Mete medo, não é? Quando elas saem sozinhas, sem ninguém para confirmar que chegaram a casa em segurança todas as noites?

Só quando Robert se chegou a ela e pousou a mão em cima da dela é que percebeu que estava a agarrar um guardanapo branco com força.

— Ela fica bem, Ellen.

Era fácil para ele dizer isso. Os rapazes tinham experiências muito diferentes das raparigas quando saíam à noite. Fora evidente

o espanto dele quando Grace e Abigail tinham começado a sair sozinhas e ela lhe passara todas as dicas que sabia: ter as chaves na mão para o caso de alguém as agarrar e terem de ripostar; atravessar a rua para ver se o homem que caminha demasiado perto as segue; nunca deixar uma amiga para trás.

Lucy franziu o cenho e subiu o canto da boca em jeito trocista.

— De certeza que já passaste por isso com a tua filha mais velha?

Ellen abanou a cabeça.

— A Grace não foi para a universidade. Frequentou um curso de formação profissional de nível superior num banco, na City.

À época, ficara desiludida por Grace ir perder a experiência de frequentar a universidade numa cidade diferente, mas também sentira alívio. Enquanto trabalhava e estudava, Grace vivera na casa dos pais, de onde se mudara há um ano para partilhar casa com outras duas colegas de trabalho.

Assentindo lentamente com a cabeça, Lucy levantou o prato de Ellen e juntou-o ao seu, com um tímido. De seguida, fez o mesmo com o de Robert.

— Muito bem pensado. Assim, não se endividaram. A minha mais velha estudou durante anos. Parecia que nunca mais acabava. E agora, começa tudo de novo.

Foi a primeira vez que falou noutros filhos.

— Tens outra filha?

— Tenho. A Charlotte.

Lucy pegou na garrafa em cima da mesa para encher o copo de Ellen. Quando a ergueu para encher o de Robert, ele abanou a cabeça, pelo que despejou o resto do vinho no seu próprio copo. Ellen teria imaginado o olhar que Robert e Lucy trocaram quando esta mencionou a filha mais velha?

Lucy empurrou a cadeira para trás e levantou-se, com os pratos na mão.

— O que me dizem de levarmos a sobremesa para o terraço? Acho que ainda está calor. Também querem café? Descafeinado para ti, Robert?

Isto já era demais. Ellen fez um esforço para fazer um tom curioso e não acusatório.

— Como sabes que o Robert toma descafeinado?

Aquilo era um ligeiro rubor nas faces de Lucy?

— Deves ter-me dito. Ou foi o Robert? Ou então, se calhar, adivinhei por acaso. Podem ir lá para fora. Demoro um minuto.

Era uma ninharia para armar escândalo, mas todos estes apartes começavam a dar que pensar.

— Como é que ela sabia que bebes descafeinado? — indagou, assim que Lucy estava a uma distância segura deles, sentados a uma pequena mesa de metal perto da piscina.

Robert encolheu os ombros.

— Não sei. Há pouco, na piscina, falámos sobre alimentação saudável. Se calhar referi isso.

Era possível, mas pouco provável. E não iria começar uma discussão sobre a forma como ele e Lucy se tinham portado hoje quando ela podia aparecer a qualquer momento. Estremeceu. Agora que o sol estava mais fraco, o ar ficara fresco.

— Vou buscar um casaco de malha ao quarto. Queres alguma coisa?

Robert fitava o mar ao longe, do lado de lá da piscina. Abanou a cabeça sem olhar para ela.

— Estou bem, obrigado.

A porta do terraço continuava aberta, pelo que Ellen não fez barulho ao entrar e caminhar para o quarto. Desde a cozinha, cuja porta estava aberta, chegou-lhe um toque de telemóvel. Uma música dos Killers, talvez? Ouviu Lucy a atender.

O corredor depois da cozinha era suficientemente longo para a ouvir a atender o telefone e a perguntar como estavam as coisas a quem quer que lhe falava do outro lado da linha. Não era

que Ellen estivesse a escutar conversa alheia, mas quase chegara à porta do quarto quando ouviu as palavras que confirmavam que tinha motivos para estar desconfiada. A voz de Lucy chegou-lhe fraca, mas perfeitamente audível.

— Sim... Ele está aqui... Não, ela não sabe de nada.
E depois fechou a porta da cozinha.

**O meu mundo colapsa enquanto seguro nas mãos
uma carta do meu marido. Só me consigo concentrar
naquelas quatro palavras, capazes de mudar tudo:
«Mereces saber a verdade.»**

Quando Lucy, uma amiga que já não vê há muito, a convida a ir visitá-la à sua *villa* em Espanha, Ellen aproveita imediatamente a ocasião para passar tempo de qualidade com o seu marido, Robert. As filhas de ambos já saíram de casa e é uma oportunidade para se reaproximarem. Porém, ao chegarem, Ellen sente Robert cada vez mais distante. Conversa muito pouco com ela e recusa-se a olhá-la nos olhos durante o jantar. Todo o seu comportamento, especialmente nos momentos em que está a sós com Lucy, a faz perceber que há algo de muito errado...

Certa manhã, Ellen depara-se com uma carta do marido, escrita num papel amarrrotado, escondido na gaveta da sua mesa de cabeceira: *O que vou dizer vai destruir as nossas vidas, mas não há outra saída. Mereces saber a verdade, e tenho medo de que nunca me perdoes...*

Nesse momento, Ellen tem a certeza de que o seu casamento terminou. Robert esconde um segredo devastador. Só que, se Ellen o confrontar, ela própria terá de confessar-lhe algo terrível. E assim que o seu segredo vier à tona, será que a família a irá alguma vez perdoar?

**Um livro emocionante e de leitura compulsiva sobre
segredos e revelações de família, e até onde iremos
para proteger aqueles que mais amamos, que lembra
o melhor de Jodi Picoult e Liane Moriarty.**



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-595-3



9 789895 895953